

A crise na Indústria de Transformação do Brasil e o “Pacto Social” em defesa da Indústria Brasileira

Nazareno Godeiro, da Coordenação Nacional do ILAESE

Este artigo será publicado poucos dias antes de uma manifestação em “**Defesa da Produção e do Emprego**”, que se realizará no dia 4 de abril de 2012, na Avenida Paulista.

Segundo declaração do presidente da ABIMAQ (Associação Brasileira de Máquinas):

Estamos iniciando uma verdadeira cruzada em defesa da indústria brasileira e do emprego.

O processo de desindustrialização vem avançando de forma galopante. Por isso, não nos resta alternativa, senão irmos para as ruas em uma aliança inédita entre capital e trabalho.

Estamos promovendo um grande movimento nacional organizado por cerca de 30 entidades patronais e de trabalhadores, dentre elas: ABIMAQ; ABIPEÇAS; ABIFA; ABINEE; ABIPLAST; ABIQUIM; ABIT; CTB; CGTB; CNM/CUT; CNTM; FIESC; FIESP; FIEP; FIERGS; FORÇA SINDICAL; IABR; MOV. BRASIL EFICIENTE; SICETEL; SIMMERS; SIMEFRE; SINAFER; SIND. MET. ABC; SIND. MET. SP; SINDITEXTIL; UGT; UNE; ASS. PAUL. MUNICÍPIOS;

Participem e liberem os seus funcionários. É fundamental colocarmos gente nas ruas, pois estamos convictos de que qualquer governo no mundo só se move através de pressão.¹

Uma unidade tão grande de setores sociais (trabalhadores e patrões) por causas tão nobres como é a defesa da indústria brasileira e o emprego deveria contar com o apoio de todos.

Porém, esta é uma verdadeira “união” entre pobres e ricos, trabalhadores e patrões, onde todos ganharão? Quais os interesses que estão por trás destas belas palavras?

Analisando os verdadeiros motivos que estão por trás desta “união”, concluímos que esta manifestação não é progressiva.

É o que demonstramos neste número do **Boletim Contra Corrente**.

A desaceleração da economia brasileira em 2012

Em 2011 a economia brasileira embicou para baixo. De um crescimento de 7,5% do PIB em 2010, caiu para 2,7% em 2011, segundo estimativas oficiais.

Pior que isso, a indústria de transformação saiu de um crescimento de 10,5% em 2010, está estagnada, e patinou em torno de zero no ano passado.

¹ MOBILIZAÇÃO EM DEFESA DA INDÚSTRIA E DO EMPREGO - São Paulo, 13 de março de 2012. - Luiz Aubert Neto (Presidente)

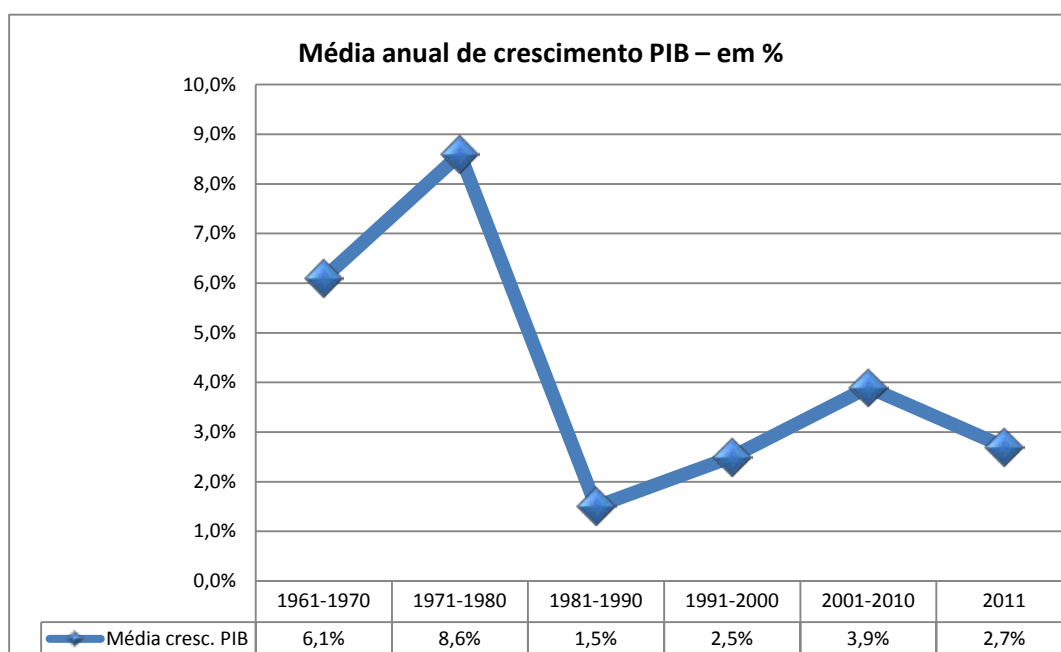
Essa desaceleração da economia brasileira é parte da queda da economia internacional que está estagnada, com possibilidade de ir a uma nova recessão.

A Europa e o Japão estão em recessão, os Estados Unidos com crescimento débil e os países pobres, apesar de ainda terem um crescimento, já entraram em rota de desaceleração. A China, segundo dados do governo chinês, crescerá 7,5% em 2012, caindo de índices que oscilavam em torno de 10%.

Da mesma forma que a recessão de 2009 gerou uma recessão no Brasil, a desaceleração mundial em 2012 afetará diretamente a indústria brasileira. A patronal, que durante os últimos 9 anos de governo do PT, “nunca haviam ganhado tanto dinheiro”, agora virá com tudo para atacar o emprego e o salário dos trabalhadores.

Vão aproveitar a desaceleração para tentar passar suas antigas reivindicações: baixar o “custo Brasil”, rebaixando os salários e flexibilizando as leis trabalhistas. Enquanto isso, a patronal pressiona o governo para reduzir impostos, através de uma “Reforma Tributária”.

O gráfico abaixo mostra que, além da conjuntura imediata de desaceleração, o crescimento econômico do Brasil, desde 1980, é débil:



Fonte: IBGE. 2011 é estimativa.

Isto se deve a elementos estruturais, específicos da economia brasileira, que estão minando o crescimento do país e gerando uma indústria voltada para produção de minério, alimentos e energia renovável, relegando a um segundo plano a indústria de transformação.

Burguesia brasileira é especuladora e vive de rendas

O Brasil é dominado por um oligopólio de poucos bancos que foram favorecidos pela hiperinflação na década de 80 e depois foram novamente favorecidos pelos juros mais altos do

mundo, que prevalece até hoje. No Brasil, é mais vantagem apostar na ciranda financeira da Dívida Pública do que na produção de riquezas.

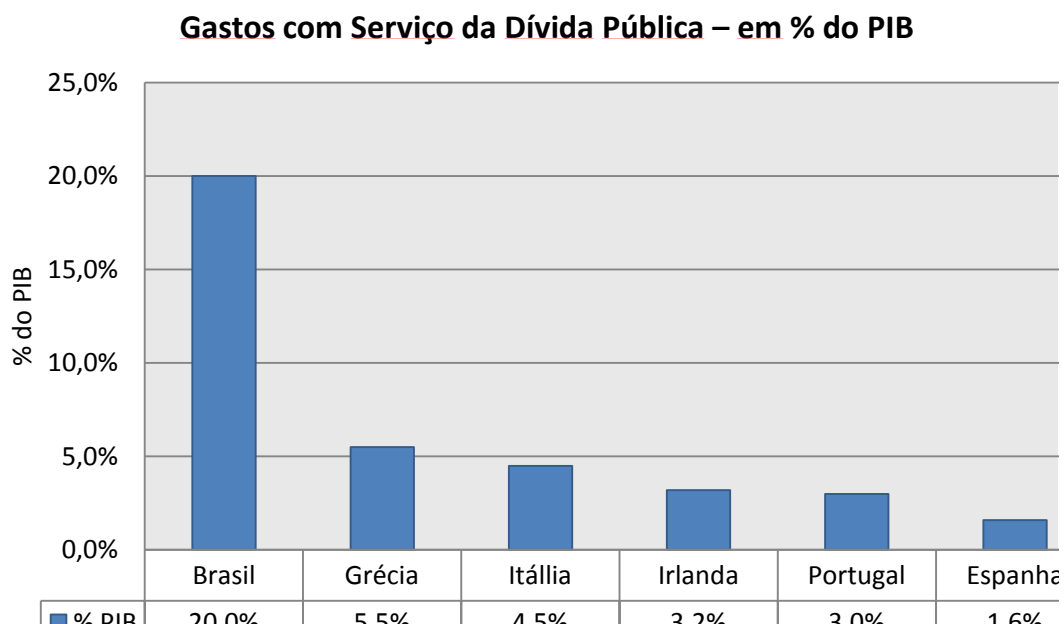
Nos últimos 16 anos, nos dois mandatos de FHC e dois mandatos de Lula, os cinco maiores bancos cresceram seus lucros em 1.575%, uma média de 121% ao ano! Isto significa que, a cada ano, os bancos dobram seus lucros de forma continuada há 16 anos.

Esta estrutura econômica, baseada nos juros mais altos do mundo, serve para enriquecer banqueiros e atrair o capital internacional e com isso mover toda a roda da economia. Porém, esta economia “rentista” impede o crescimento econômico do Brasil nos moldes da China.

A Dívida Pública já alcança quase R\$ 3 trilhões de reais. O pagamento dos juros desta dívida está chupando toda a riqueza nacional: cerca de 20% do PIB do Brasil, R\$ 700 bilhões, foi entregue aos banqueiros nacionais e internacionais como pagamento do serviço da dívida.

Compare com outros países para ver como os especuladores estão roubando o Brasil:

□



São países que estão atolados em dívidas e em profunda recessão. Mesmo assim, gastam muito menos com banqueiros que o Brasil.

A situação é mais grave ainda porque o crescimento durante os 8 anos do Governo Lula se apoiou no crédito ao consumo e hoje a população brasileira está superendividada: as pessoas físicas no Brasil devem R\$ 715 bilhões aos bancos, onde cada um dos 192 milhões de brasileiros deve atualmente R\$ 3.724,00 aos bancos.

Os bancos nacionais e internacionais estão levando 45% de todo o dinheiro do Governo Federal e 41% da massa salarial do país.

Este é o motivo de porque tanto a burguesia brasileira quanto o capital internacional optam, em primeiro lugar, em especular com a Dívida Pública ao invés de fazer investimentos

produtivos na indústria de transformação. A burguesia ganha mais dinheiro vivendo de rendas que da produção.

Porém, há um setor industrial que é muito **rentável** e está ganhando rios de dinheiro: o setor produtor de matérias-primas, minério, agronegócio exportador e energia.

O Brasil está retornando a uma economia de cunho colonial

Na nova reconfiguração neoliberal do mundo, que vem desde 1990, o Brasil tem uma nova localização: produtor de matérias primas para o mercado mundial.

O capital internacional migrou para este setor, com pesados investimentos, gerando um crescimento anual acima de dois dígitos.

Apenas seis grupos de produtos – minério de ferro, petróleo bruto, complexo de soja, carne, açúcar e café - representaram 47% do valor exportado pelo Brasil em 2011.

A Vale, sozinha, vendeu U\$ 34 bilhões de dólares em minérios no ano de 2011, representando 13,5% de todas as exportações brasileiras.

Enquanto isso, a indústria de transformação tem que enfrentar a concorrência da produção chinesa, de alta tecnologia e baixos salários, patrocinada pelas grandes multinacionais, que transformaram a China em “fábrica do mundo” nos últimos 20 anos.

A mesma “mão invisível do mercado” que moldou a China “moderna” está transformando o Brasil em “celeiro do mundo”.

Por isso, há uma queda relativa da indústria de transformação no PIB brasileiro, como atesta os dados do IBGE:



A situação da indústria brasileira nem sempre foi assim: em 1986 chegamos ao auge de uma indústria diversificada que produzia desde aviões até armas pesadas, alimentos e carros, máquinas e trens e cuja base era estatal.

Taxas de lucro são maiores no setor primário exportador

Cometeríamos um erro importante se concluíssemos que no Brasil tudo é especulação e rentismo.

Uma boa parte dos lucros dos bancos nacionais e internacionais no Brasil advém da exploração do setor produtivo.

Depois de uma queda em 2008 e 2009 os lucros das grandes empresas radicadas no Brasil superaram a crise e já são maiores que antes de 2008.

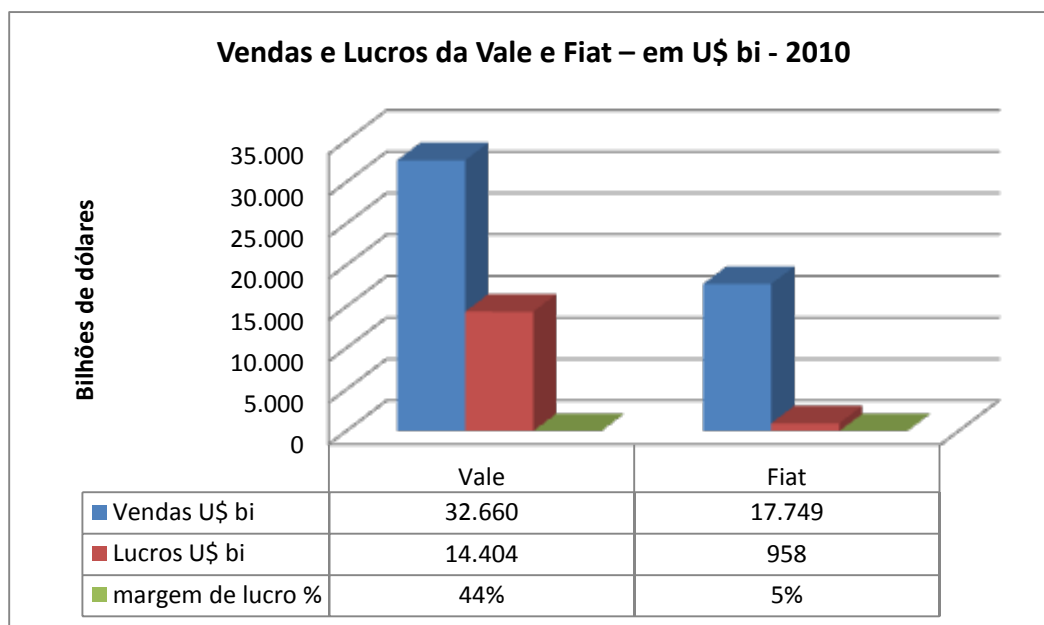
Não são desprezíveis as vendas das 500 maiores empresas brasileiras em 2011: R\$ 2,4 trilhões de reais em faturamento e lucro líquido de R\$ 200 bilhões.

Porém, o crescimento fantástico dos lucros está concentrado em mineração, energia, bancos e agronegócio: O lucro da Vale em 2011 foi de R\$ 37 bilhões, o da Petrobrás foi de R\$ 33 bilhões, o lucro dos 5 maiores bancos no Brasil em 2011 foi de R\$ 46 bilhões e o lucro das grandes empresas do Agronegócio em 2010 foi de R\$ 10 bilhões.

Juntas realizaram um lucro líquido de R\$ 146 bilhões de reais em 2011 (ou aproximadamente 85% de todo o lucro das 500 maiores empresas instaladas no Brasil).

Ou seja, a base empresarial do governo petista está de vento em popa, privilegiando a inserção subordinada no Brasil e no mundo.

Para efeito de comparação, as grandes montadoras de automóveis no Brasil têm lucros em torno de R\$ 1 bilhão de reais.



Fonte: Revista Exame Maiores e Melhores 2010

A margem de lucro (porcentagem do lucro em relação às vendas) da Vale em 2010 foi de 44%, enquanto que a Fiat, que é a montadora mais rentável, teve margem de lucro de 5% em 2010.

Hienas espreitam enquanto os leões devoram a presa

Este é o verdadeiro motivo que está revoltando os setores da indústria de transformação: o setor primário exportador e os bancos estão carregando o grosso do lucro e eles, como hienas que espreitam enquanto os leões devoram a presa, querem sua parte.

Porém, como não conseguem o grau de competitividade que tem a mineração e o agronegócio eles querem “compensações” do governo: redução de impostos e rebaixamento de salários (flexibilização da mão de obra) para retomar os lucros a patamares anteriores.

Ainda assim, as margens de lucro da indústria de transformação no Brasil são muito superiores às margens das empresas do setor nos Estados Unidos. Isto é possível pelos baixos salários daqui, somado aos altos preços de monopólio que são cobrados no Brasil pelas multinacionais (automobilísticas, telefonia, informática, eletroeletrônicos, etc.).

Um mesmo carro (Toyota Corolla) é vendido no Brasil por U\$ 37.000,00, na Argentina por U\$ 21.600,00 e nos Estados Unidos por U\$ 15.400,00, segundo reportagem do jornalista Joel Leite.

Por outro lado, este “Pacto Social” não tem nada a ver com a “Defesa da Indústria Nacional”.

Este setor da indústria de transformação que está em mobilização para pressionar o governo é basicamente multinacional.

Não existem montadoras de capital nacional, nem tampouco autopeças. A única fabricante de ônibus de capital nacional (Busscar, de Joinville, SC) entrou em concordata no ano passado.

O setor do agronegócio e mineração está dominado pelas multinacionais e fundos de investimento (que são donos da maior parte das ações da Vale).

O setor eletroeletrônico é totalmente estrangeiro e o siderúrgico tem poucas empresas de capital nacional (como a CSN).

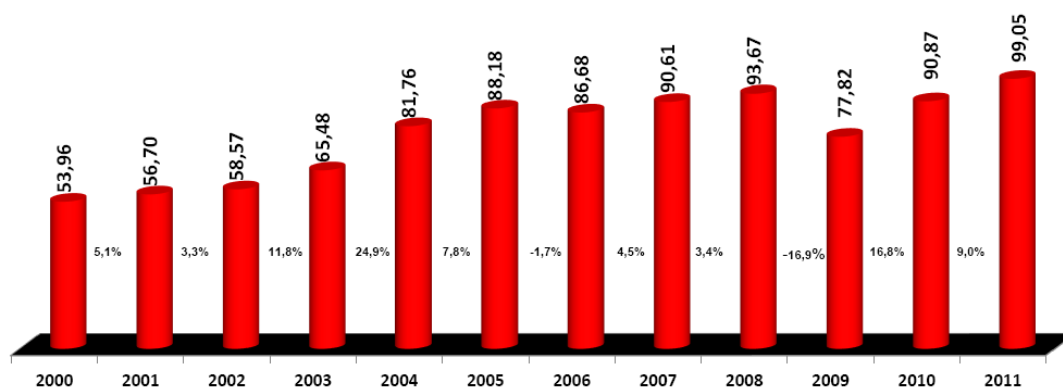
O setor aeronáutico é composto basicamente pela Embraer, que tem mais da metade das ações nas mãos de grandes fundos de investimentos americanos.

Indústria de Transformação está chorando de barriga cheia

Apesar de ter uma rentabilidade menor que o setor de bens primários, a Indústria de Transformação multinacional (e nacional) continua vendendo e lucrando bem.

Vejamos o faturamento de três setores dos mais “sofridos” com importações e “deficitários” segundo a patronal:

Faturamento do setor de Autopeças – em R\$ bilhões



Fonte: SINDIPEÇAS

20

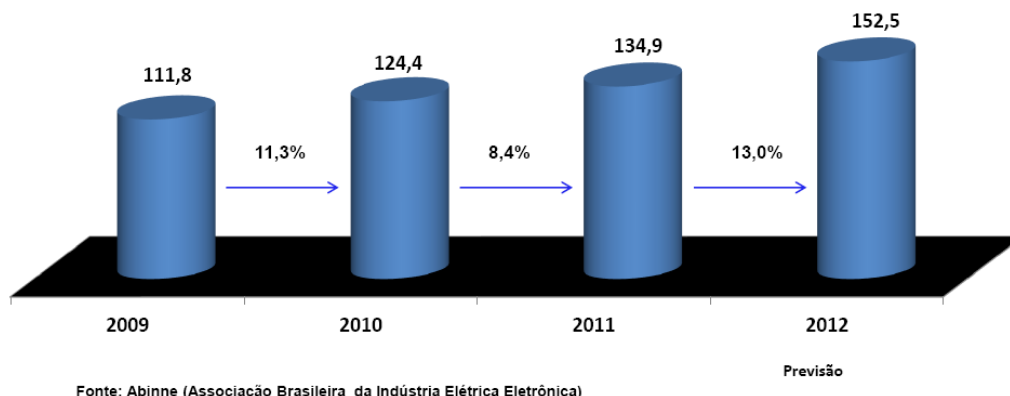
O setor de Autopeças faturou R\$ 99 bilhões em 2011, em um crescimento de 9% nas vendas, enquanto o PIB cresceu apenas 2,7%.

Este setor teve um déficit comercial de R\$ 4,6 bilhões de reais, mesmo assim avançou no faturamento. Isto significa que está importando insumos que compõem seu produto final, tornando sua mercadoria cada vez menos nacional. E estão ganhando com isso.

Quem perde? Os fornecedores de insumos nacionais.

O mesmo se passou com o setor Eletroeletrônico:

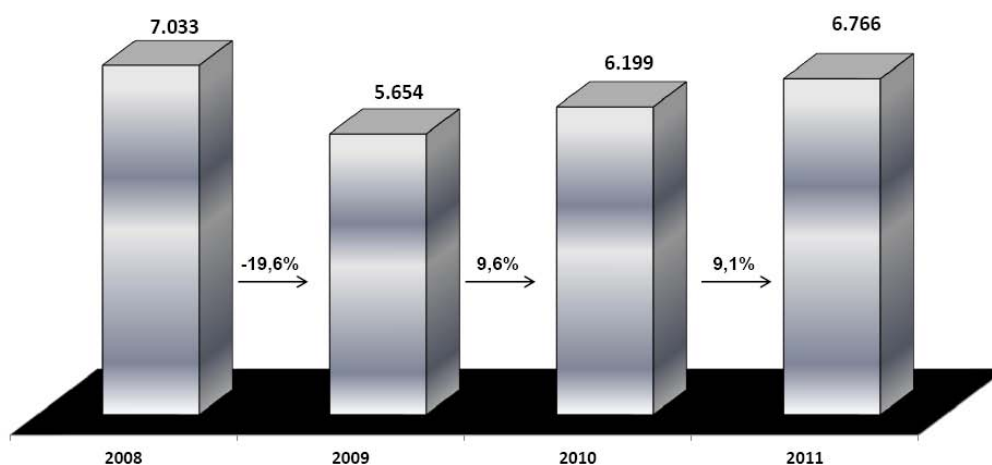
Faturamento do setor de Eletroeletrônico – em R\$ bilhões



Setor teve crescimento de 8,4% em 2011, muito acima do PIB e se prevê crescimento de 13% no faturamento para 2012. Porém, este crescimento se dá em base à desnacionalização da produção, onde cada vez mais as empresas multinacionais aqui no Brasil se transformam em montadoras do produto final, composto por produtos importados.

O setor de Máquinas e Equipamentos, um dos mais “sofridos”, segundo a patronal, teve crescimento nas vendas em 2011 de 9%, também muito acima do crescimento do PIB, porém à custa da produção nacional, já que foi um dos maiores importadores no Brasil em 2011.

Faturamento do setor Máquinas e Equipamentos – em R\$ bilhões



Fonte: Abimaq.

A indústria de transformação já produz mais do que pode vender

Hoje, o grande problema da indústria é que tem um excesso de capacidade produtiva. Ao invés de baixar os preços para aumentar a demanda, a patronal mantém preços altos e fecha fábricas para rebaixar salários e custos. Aproveitam a crise para aumentar lucros.

A indústria siderúrgica mundial tem um excedente produtivo de 500 milhões de toneladas de aço, que não encontram compradores. No Brasil, o excesso na capacidade produtiva é de 20 milhões de toneladas.

O mesmo se passa com a indústria automobilística: o mundo hoje tem capacidade de produzir cerca de 90 milhões de veículos e a produção em 2009 caiu para 60 milhões de veículos. Em 2011 houve uma recuperação da produção e chegou a 80 milhões de veículos. Mesmo assim, sobra capacidade produtiva de 10 milhões de veículos, ou seja, 3 vezes o que se produz no Brasil por ano.

Quem está importando mercadorias para o Brasil?

É essa sobra produtiva, que ocorre principalmente nos países ricos, que está provocando o aumento das importações no Brasil.

Soma-se a isso a manobra de desvalorização das moedas dos países imperialistas, como o dólar, tornando as mercadorias produzidas nos Estados Unidos ou na Europa, mais baratas em relação ao real por exemplo. É o fenômeno que a Dilma se refere como “tsunami monetário”.

Porém, a presidenta “habla mucho” e pouco faz.

Bastava reduzir os juros e controlar a entrada de capital especulativo. Bastava exigir da patronal que baixasse os preços dos produtos que, em geral, estão quase o dobro do preço do que o praticado nos Estados Unidos.

A tabela abaixo mostra a perda que o setor da indústria de transformação está tendo com importações de produtos manufaturados:

Exportações e importações por setor industrial – ano 2011 – em US\$

Ano	Exportação	Importação	Saldo
Automóveis e autopeças	8.356	18.208	-9.850
Aeronaves e peças	4.340	2.515	1.824
Laminados de Ferro/Aço	2.009	2.435	-425
Eletroeletrônico	7.935	39.528	-31.592
Máquinas e Equipamentos	11.901	29.780	-17.879
Total de Manufaturados	92.290	184.756	-92.465

Fonte: Fonte: Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do comércio - Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) 2011

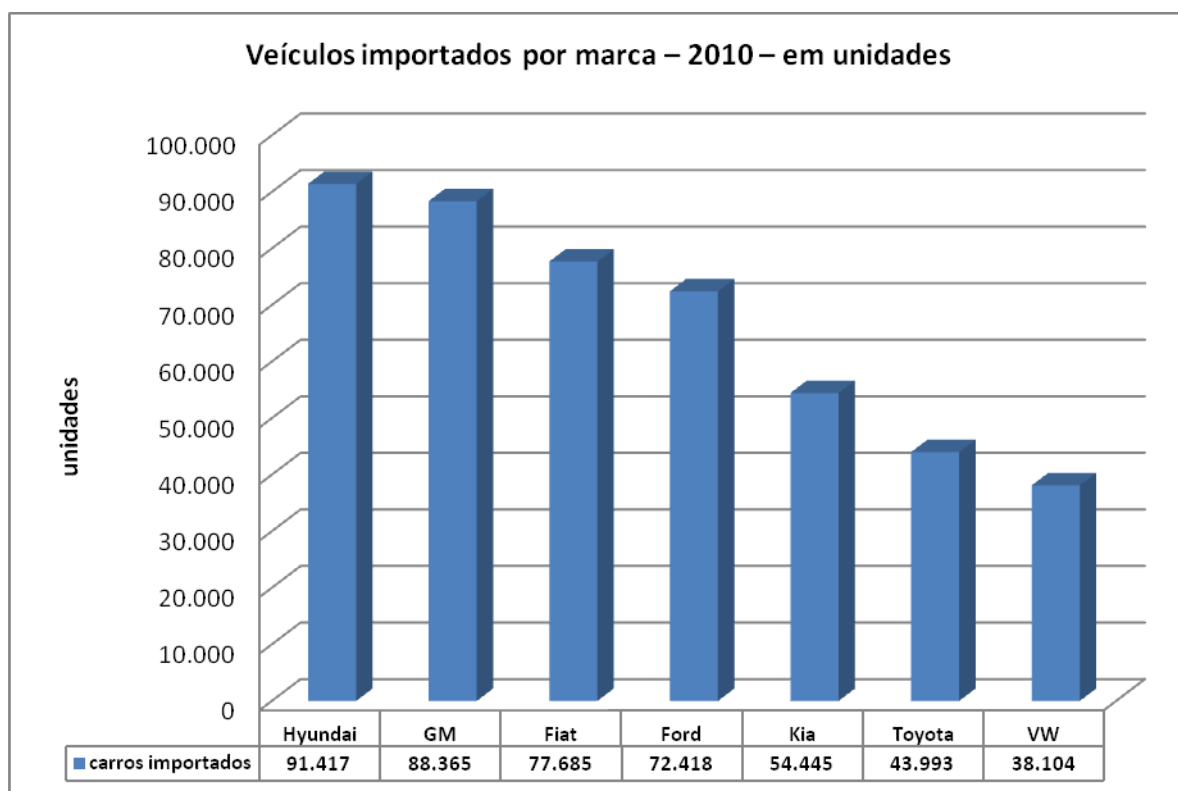
A indústria de ponta brasileira (somando estes 5 setores - montadoras de automóveis, de aviões, siderúrgicas, eletroeletrônico e de máquinas) teve um prejuízo com importação de US\$ 59,2 bilhões de dólares. No total de produtos manufaturados na indústria brasileira, o prejuízo com importações foi de US\$ 92,4 bilhões de dólares.

Em 2010, todos os investimentos em capital fixo (prédios, máquinas, matérias primas, etc.) no Brasil chegaram a US\$ 406,8 bilhões de dólares.

Este dinheiro perdido com importação de produtos industriais representa 23% de todos os investimentos feitos no país, em todos os setores.

Este dinheiro, usado aqui permitiria um grande salto no PIB, se aproximando do crescimento da China.

Também permitiriam criar 500 mil empregos por ano na indústria manufatureira brasileira.



Fonte: Dieese – estudo confeccionado para o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

As multinacionais do setor automobilístico são responsáveis por mais de 20 bilhões de dólares em importações no ano de 2011: a VW importou automóveis no valor de US\$ 2,2 bilhões, a Hyundai no valor de US\$ 2 bilhões, a Ford US\$ 1,8 bi, Fiat US\$ 1,5 bilhão, A Renault US\$ 1,4 bi, a Honda US\$ 999 milhões e a GM 936 milhões de dólares.

Por isso, o Brasil já é o quarto mercado em vendas de carros do mundo, enquanto é o sétimo maior produtor. Estamos comprando mais carros que produzindo. Em 2011 importamos 858 mil veículos, a produção de uma GM e Ford, juntas, no Brasil, em 2011.

Nas autopeças, a importação chegou a U\$ 4,6 bilhões de dólares em 2011 (Pirelli U\$ 733, Bosch U\$ 573 milhões, Goodyear U\$ 367 milhões, Eaton U\$ 147 milhões, etc.).

No setor eletroeletrônico, a Samsung importou U\$ 3 bilhões de dólares em 2011, a LG U\$ 1,6 bilhões, a Motorola U\$ 832 milhões, a Nokia U\$ 770 milhões, etc.

Entre as siderúrgicas se importou mais de U\$ 7 bilhões de dólares em 2011, sendo que a ThyssenKrupp importou U\$ 2 bilhões, ArcelorMittal importou U\$ 1,5 bilhão, a CSN U\$ 1,1 bilhão e a Usiminas outro U\$ 1,1 bilhão.

Portanto, as importações no Brasil são realizadas pelas multinacionais, que se aproveitam do domínio do mercado brasileiro para trazer componentes das suas matrizes que estão em crise.

O salto destas importações serve para impulsionar o mercado dos Estados Unidos ou amenizar a crise da Europa.

Por isso, seu choro com “aumento das importações” que estão destruindo a “indústria nacional” são lágrimas de crocodilo!

As multinacionais estão quebrando a indústria brasileira

É esta importação das multinacionais instaladas no Brasil, que está quebrando a indústria de capital nacional.

O caso da Embraer e da Grauna Aerospace é revelador. A Embraer privatizada se transformou em uma **montadora** de aviões com peças compradas no exterior. 89% das peças que compõem o avião da Embraer são importadas.

Depois da crise de 2009, a Embraer aumentou a exploração dos seus trabalhadores e apertou as condições de compra dos seus fornecedores brasileiros.

A Embraer está asfixiando as subcontratadas nacionais como a Grauna Aerospace, retirando toda margem de lucro destas empresas para manter uma lucratividade aceitável pelos acionistas estrangeiros.

Por isso, a Grauna entrou em processo de falência em 2012.

Os limites da política industrial do governo petista

A falência da Grauna mostra os limites da orientação do governo Federal petista para a indústria de transformação nacional e revela a desnacionalização da produção.

Para garantir um índice de nacionalização da produção, o governo teria que nacionalizar e estatizar a grande indústria instalada no Brasil.

Várias medidas paliativas já foram tomadas pelo governo e a situação piora cada vez mais.

Essas medidas paliativas só fazem transferir dinheiro público para as multinacionais, que continuam vendendo muito e se recusam a baixar os preços dos seus produtos e o nível de emprego.

A grande medida que o governo lançará nos próximos dias, a desoneração da folha de pagamento, reduzirá impostos para a patronal e gerará um rombo na Previdência, já que a patronal deixará de contribuir com 20% da folha de pagamento para o INSS.

A patronal alega que esta medida gerará 50 mil novos empregos em 2 anos, no setor industrial.

Em nome de gerar facilidades para a patronal, o governo Dilma já entregou R\$ 137,2 bilhões em benefícios e isenções fiscais em 2011, segundo o IPEA.

A desoneração da folha de pagamentos e outras isenções fiscais em 2012 gerará uma perda de R\$ 34,7 bilhões em arrecadação para o Governo Federal, segundo projeção da Receita Federal, deixando um furo na Previdência Pública.

Esta quantia representa 20% de todos os lucros das 500 maiores empresas instaladas no Brasil. Corresponde ao lucro da Vale ou da Petrobras em 2011. Representa mais do dobro dos lucros de toda a indústria automobilística (incluindo autopeças) instalada no Brasil.

Novamente, os ricos ganharão e os trabalhadores pagarão a conta.

Delfim Neto, governista roxo, diz que o problema do Brasil é que tem imposto alto para garantir *“saúde e educação universais e gratuitas para toda a população”*, como determinou a Constituição de 1988.²

Essa transferência de recursos públicos poderia se justificar (ainda que muito duvidoso), caso fosse proteger uma indústria nacional incipiente, mas isto não é verdade.

J.P. Morgan, UBS, Merrill Lynch, Deustsch Bank, Credit Suisse, Goldman Sachs, Morgan Stanley, Mitsubishi Bank, Societé Generale, Bank of America, Lloyds, Allianz, Blackrock, Citibank, etc. são os donos de mais de meio Brasil.

Há muito tempo a burguesia brasileira se rendeu ao capital multinacional e perdeu sua independência. Hoje ela transita entre sócia menor e gerente dos negócios multinacionais no Brasil.

A privatização do parque industrial brasileiro, levado a cabo por Collor e FHC, se deu de forma simultânea com sua desnacionalização.

Ali, a burguesia brasileira perdeu toda sua independência e revelou sua covardia histórica.

De lá para cá, continuou de forma acelerada esta desnacionalização e recolonização da economia brasileira.

² Declaração no jornal *O Estado de São Paulo*, 21 de março de 2012.

Pela negativa, o episódio da privatização mostrou que somente a classe trabalhadora pode defender a indústria nacional contra as grandes corporações multinacionais.

Neste “Acordo Nacional” os patrões entram com a árvore, o governo com a corda e os trabalhadores com o pescoço

Este grande “Acordo Nacional em defesa da produção e do emprego”, que reúne setores da CUT, Força Sindical e as grandes organizações patronais do Brasil repete o mesmo acordo realizado em 1993, que ficou conhecido como as “Câmaras Setoriais”, que flexibilizou parte das leis trabalhistas do país.

O quadro abaixo mostra o resultado daquele “Pacto Social”:

Ano	Produção (unidades)	Trabalhadores	Veículo por trabalhador	Faturamento Líquido US\$	Faturamento por Trabalhador Us\$
1980	1.048.692	133.683	7,8	28.438.000.000	R\$ 212.727,12
1990	847.838	117.396	7,2	23.787.000.000	R\$ 202.621,90
2000	1.596.882	89.134	17,9	43.503.000.000	R\$ 488.062,92
2010	3.408.633	119.392	28,5	83.586.000.000	R\$ 700.097,16
Crescimento	225%	-11%	265%	194%	229%

Fonte: Anuário Estatístico da ANFAVEA 2011

Em 1980, 133 mil metalúrgicos produziam 1 milhão de veículos por ano. 30 anos depois, em 2010, 120 mil metalúrgicos produziram 3 milhões de veículos!

Cada trabalhador passou de produzir 7 veículos por ano em 1980 para produzir 28 veículos em 2010. Um salto espetacular de produtividade!

Enquanto diminuiu o número de trabalhadoras no setor automobilístico, o faturamento quase triplicou! Isto foi possível com o aumento da exploração e do ritmo de trabalho dentro das fábricas.

Além, disso, estas montadoras contaram com o apoio dos governos federais, estaduais e municipais que fizeram inúmeros benefícios fiscais e crédito fácil do BNDES, pagando juros baixos a perder de vista.

Como estas multinacionais retribuíram os muito produtivos operários e a boa vontade dos governos? Pagou com traição: diminuiu o emprego, o investimento no Brasil e remeteu lucros para suas matrizes!

Veja a demonstração disto no quadro abaixo:

Investimentos, desembolsos do BNDES e remessas de lucro do setor automobilístico brasileiro 2001/2010

Ano	Investimentos montadoras US\$ bi*	Desembolsos BNDES US\$ bi**	Remessas de lucros US\$ bi***
2001	1.750	1.129	415
2002	976	878	917
2003	673	2.654	436
2004	739	2.575	274
2005	1.050	2.022	498
2006	1.451	2.386	1.340
2007	1.965	1.604	2.700
2008	2.913	2.492	5.600
2009	2.518	3.166	3.800
2010	3.654	3.284	4.100
TOTAL	17.689	22.190	20.080

Fonte: **BNDES (Anuário Estatístico do MDIC 2010), ***Banco Central e
*Anuário da Indústria Automobilística Brasileira - 2011 – ANFAVEA – Elaboração ILAESE

As montadoras investiram menos no Brasil que nas suas matrizes, apesar do governo investir pesado no setor e os trabalhadores renderam lucros altíssimos.

Este é o resultado do “Pacto Social” e das Câmaras Setoriais do Setor Automobilístico que houve em 1993.

Este será o mesmo resultado deste “Acordo nacional pela Produção e pelo Emprego” de 2012.

Os trabalhadores perderão dobrado ao perder direitos e diminuir salários e o governo baixará ou isentará os impostos para as grandes empresas, diminuindo os gastos com educação, saúde, etc. Prejudicará, também, a Previdência Pública, sucateando, aumentando a idade para aposentadoria e privatizando-a, como acabou de fazer o Governo Federal com a Previdência dos Funcionários Públicos.

A saída patronal para a crise da Indústria de Transformação

Escondendo sua verdadeira intenção de aumentar a exploração dos trabalhadores, a patronal sintetiza suas saídas da seguinte maneira:

1. Alega que o problema é o câmbio (valorização do real), que se resolveria com a diminuição dos juros e retornando a “competitividade” das exportações industriais brasileiras, permitiria enfrentar as importações.
2. Outro problema seria “custo Brasil” que faz com que os operários tenham “salários elevados”, que se resolveria com a proposta feita pelo economista Bresser Pereira em diminuir em 30% os salários.
3. Clama pela diminuição dos impostos cobrados aos patrões (evidentemente, não será acompanhado da diminuição dos preços das mercadorias, onde a população continuará pagando caro).

4. Defende uma reforma trabalhista para retirar os direitos históricos da classe trabalhadora brasileira. Patrocinada pelo PT e CUT, através do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, esta reforma permitiria a patronal burlar as leis de proteção aos trabalhadores, pois o que for “negociado” entre patrões e trabalhadores na empresa estará acima das leis que regem a força de trabalho no Brasil. Isto significa a flexibilização completa na contratação da mão de obra.

As medidas são basicamente duas: **diminuir o custo da mão de obra (aumentando a exploração da classe trabalhadora) e diminuição dos impostos.**

Como se pode ver, não há nenhuma medida que de fato resolva a crise da indústria brasileira e sua desnacionalização. Do ponto de vista macro econômico, as medidas são paliativas e não vão modificar estruturalmente a nova localização subordinada do Brasil no mercado mundial.

A saída da classe trabalhadora em defesa da Indústria Nacional, do Emprego e da Renda

Somente medidas de fundo podem recolocar o Brasil no caminho do desenvolvimento econômico, que foi interrompido pelas privatizações e desnacionalização da economia brasileira.

1. A primeira medida é a ***Suspensão do Pagamento da Dívida Interna e Externa do Brasil***. Com esta simples medida, pode-se realocar cerca de R\$ 750 bilhões de reais, pagos aos banqueiros na forma de juros e amortização da Dívida. Isto permitiria duplicar os investimentos em capital fixo no Brasil (na ordem de R\$ 800 bilhões em 2011), chegando aos níveis da China, para garantir um crescimento econômico anual acima dos 10%.
2. Para isso, deve-se proceder com a ***Estatização do Sistema Financeiro***, sob controle dos trabalhadores, única garantia de que todo o dinheiro do país servirá para a melhoria das condições de vida da população trabalhadora e para o desenvolvimento da indústria. Isto permitiria acabar com a especulação financeira, a usura e o *rentismo*, que prejudica o país.
3. ***A confiscação do capital estrangeiro especulativo*** que está parasitando a economia brasileira e controle rigoroso da entrada de capitais estrangeiros no país. Essa massa de capital especulativo (cerca de U\$ 60 bilhões de dólares por ano, maior parte do capital estrangeiro que entra no Brasil,) valoriza artificialmente o real, diminuindo os preços relativos das mercadorias dos países ricos, que invadem o mercado brasileiro. O Brasil tem uma das taxas de juros mais altas do mundo, como forma de atrair este capital. Ele não acrescenta nada à produção do Brasil e só prejudica a economia, parasitando-a. No momento em que não tiver as taxas de rentabilidade esperadas, vai embora deixando o Brasil de pires na mão.

4. **Cobrança de um imposto progressivo sobre os lucros das multinacionais** instaladas no Brasil. **Proibição da remessa de lucros e obrigação de reinvestir 100% dos lucros no país por 10 anos. Caso as multinacionais recusem estas medidas, proceder com a Nacionalização e Estatização das grandes multinacionais instaladas no país.** É ilusória a visão de que as multinacionais investem pesado no país. O fim último destas empresas é a grande rentabilidade que o mercado brasileiro garante a elas. No atacado, elas sempre levam mais para suas matrizes do que o que deixam aqui no Brasil. Elas venderam U\$ 533 bilhões de dólares no Brasil em 2010 e enviaram U\$ 35 bilhões de remessas de lucros para as matrizes.
5. **A reestatização das empresas privatizadas** (mineração, siderurgia, eletricidade, telefonia, aviação, águas) recompondo uma indústria de base para o desenvolvimento sustentado do país. Hoje, o país é um dos grandes exportadores de minério de ferro do mundo e não tem uma única fábrica de trilhos no país. A Vale exporta minério de ferro e termina comprando da China trilhos para suas ferrovias a um preço 7 vezes mais caro. A CSN, também privatizada, poderia fabricar trilhos de trem, mas se nega a fazê-lo por considerações de mercado. Estas empresas funcionam em base aos interesses dos seus acionistas e não das necessidades de produção do Brasil. A única forma delas voltarem a cumprir um papel progressivo na economia brasileira é com sua reestatização.
6. **Garantir uma forte taxa sobre as importações de produtos que são fabricados no Brasil.** Os países ricos têm dois pesos e duas medidas: querem a abertura dos mercados dos países pobres, mas se recusam a abrir seus mercados. O último exemplo se deu com a venda de aviões da Embraer para o governo americano. Depois de ganhar a licitação, os aviões da Embraer foram vetados porque “iriam gerar empregos em outro país”. Devemos realizar a **importação somente de insumos e produtos inexistentes no Brasil**, inclusive pagando um preço superior ao mercado, exigindo como contrapartida a transferência completa de tecnologia na fabricação destes produtos. **Realizar um Acordo comercial com indústria de países coloniais e semicoloniais** para o desenvolvimento de uma indústria independente das multinacionais, cujo objetivo primeiro é garantir acabar com a fome e garantir casa, saúde, educação e bens essenciais à população trabalhadora no conjunto dos países pobres.
7. **A criação de um polo industrial articulado entre mineração, siderurgia, metalurgia, máquinas, telefonia, energia, infraestrutura, construção pesada e agronegócio**, para ordenar a economia do país na construção de casas, escolas, hospitais, saneamento, transportes públicos metroferroviários e alimentação para a população trabalhadora. Garantir um Plano de Cargos e Salários no conjunto do setor estatal que garanta condições dignas de trabalho, começando por pagar o Piso nacional do DIEESE e a redução da jornada para 36 horas semanais.
8. Em suma, **a Nacionalização das multinacionais e a Reestatização das empresas privatizadas e um amplo plano de desenvolvimento industrial do país só é possível**

com a ruptura com o sistema imperialismo e capitalista, que domina a economia do nosso país, através das grandes empresas multinacionais e nacionais. Significa, também, a ruptura com o sindicalismo Chapa Branca (CUT) e de negócios (Força Sindical), que hoje são, infelizmente, representantes dos patrões dentro do movimento operário.